

A RELAÇÃO COM O OUTRO NO MEIO DIGITAL: ENTRE O ZOOLÓGICO HUMANO E A ALIENAÇÃO

LA RELACIÓN CON LOS OTROS EN EL ENTORNO DIGITAL: ENTRE EL ZOO HUMANO Y LA ALIENACIÓN

**THE RELATIONSHIP WITH OTHERS IN THE DIGITAL ENVIRONMENT:
BETWEEN THE HUMAN ZOO AND ALIENATION**



Icaro JURITI¹
e-mail: icaro.ajuriti@gmail.com

Como referenciar este artigo:

JURITI, I. A relação com o Outro no meio digital: Entre o zoológico humano e a alienação. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 25, n. esp. 1, e025008. e-ISSN: 2359-2419. DOI: 10.47284/cdc.v25iesp1.19608



| Submetido em: 29/08/2024
| Revisões requeridas em: 24/02/2025
| Aprovado em: 07/04/2025
| Publicado em: 12/09/2025

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Paulo José de Carvalho Moura
Profa. Me. Luana Estela Di Pires
Prof. Me. Lucas Barbosa de Santana
Prof. Me. Maurício Miotti

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira - BA – Brasil. Graduado em Psicologia —
Mestrando em Ciências Sociais.

RESUMO: A inter-relação humana, elemento de extensos estudos e debates, tem ganhado novas camadas de complexidade com a rápida evolução dos meios de comunicação, sobretudo com a popularização das redes sociais digitais, inaugurando novas dinâmicas interacionais que, em um primeiro momento, suscitarium um maior contato com o Outro. No entanto, tento demonstrar, por meio de um esforço reflexivo e teórico, como as lógicas presentes nas dinâmicas digitais, influenciadas em grande parte pelo mercado e pela produção de capital, conduzem a um processo de alienação do Outro e de Si, como um fenômeno de coisificação e de perda da humanidade nas relações digitais, aproximando-se perigosamente de um zoológico humano, uma face mais cruel e extrema dos museus etnográficos do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade digital. Alteridade. Alienação.

RESUMEN: *La interrelación humana, elemento de amplios estudios y debates, ha adquirido nuevas capas de complejidad con la rápida evolución de los medios de comunicación, especialmente con la popularización de las redes sociales digitales, inaugurando nuevas dinámicas de interacción, que inicialmente darían lugar a un mayor contacto con las personas. el otro. Sin embargo, intento demostrar a través de un esfuerzo reflexivo y teórico cómo las lógicas presentes en la dinámica digital, en gran medida influenciadas por el mercado y la producción de capital, liderar um proceso de alienación del Otro y del Yo, como un fenómeno de cosificación y pérdida de humanidad. en las relaciones digitales, acercándose peligrosamente a un zoológico humano, una cara más cruel y radicalizada de los museos etnográficos del siglo XIX.*

PALABRAS CLAVE: Sociabilidad digital. Alteridad. Alienación.

ABSTRACT: *Human interrelationship, an element of extensive studies and debates, has gained new layers of complexity with the rapid evolution of the means of communication, especially with the popularization of digital social networks, inaugurating new interactional dynamics, which at first would give rise to greater contact with the Other. However, I attempt to demonstrate through a reflective and theoretical effort how the logics present in digital dynamics, influenced largely by the market and the production of capital, lead a process of alienation of the Other and of the Self, as a phenomenon of objectification and loss of humanity in digital relationships, dangerously approaching a human zoo, an cruelest and most radicalized face of 19th century ethnographic museums.*

KEYWORDS: Digital sociability. Otherness. Alienation.

Introdução

Este artigo surge como resultado do processo avaliativo de duas disciplinas do mestrado em Ciências Sociais (no qual me encontro inserido). O desafio aqui é associar estudos em sociabilidades digitais, teoria social e memória e patrimônio, sendo as duas últimas as disciplinas em questão e a primeira meu objeto de estudo. A intenção é a produção de um material que possa dialogar com as três áreas de conhecimento e, partindo desse princípio, busquei desenvolver aqui um artigo de caráter reflexivo sobre as dinâmicas relacionais com o Outro no meio digital. O esforço de estabelecer uma relação entre essas áreas de conhecimento propiciou que eu voltasse o olhar às temáticas que as atravessam mutuamente. Entre essas temáticas, a que primeiro chamou minha atenção foi a centralidade da temática do Outro e a primordialidade da relação com o Outro como base de análise.

Isso me levou ao questionamento do lugar do Outro no ambiente digital e de como essa relação se estabelece a partir das dinâmicas interacionais nesse espaço, dialogando, consequentemente, com meu objeto de interesse, mas não apenas isso. Entender o lugar do Outro no meio digital é um esforço reflexivo e demanda compreender os fenômenos existentes que atravessam a experiência da realidade social na contemporaneidade, que, por meio das revoluções tecnológicas de comunicação — neste caso, a internet — inauguram toda uma leva de novas dinâmicas de vida e que, devido à sua popularidade, imanência no cotidiano e influência sociocultural, impõem-se como elemento urgente de estudo. Não obstante, o estado constante de transformação obriga a uma produção contínua de análises.

Nesse esforço de analisar o Outro no digital, lanço mão de teorias que abordam a questão do Outro, com ferramentas conceituais que se aproximam dos estudos em alteridade e da questão filosófica do Outro. Segue-se, posteriormente, para uma compreensão desse Outro no meio digital, levando em consideração suas dinâmicas, elementos constitutivos e condições impostas. Partindo desse ponto, traço um paralelo com a questão do Outro nos museus etnográficos, que já foi palco de intenso debate sobre a representação do Outro, do estranho, das diferenças e que, surpreendentemente, carrega diversos elementos de semelhança com as dinâmicas digitais de representação do Outro, inclusive uma possível aproximação com sua face mais perversa: os zoológicos humanos do século XIX.

Por fim, aponto para uma tendência de apagamento do Outro, a superficialidade de sua representação e a fragilidade das relações estabelecidas com esse Outro no meio digital, articulando com a noção de alienação e estranhamento, dialogando, por sua vez, com a teoria marxiana e seu conceito de *Entfremdung*, que compreende que ocorre a desumanização do

sujeito ao se estabelecerem relações pautadas no capital e seus valores éticos (a saber, o individualismo, a competição e as relações intermediadas pelas mercadorias). E, para fazer todo esse percurso reflexivo, o primeiro passo é a compreensão desse Outro.

O lugar do Outro

Primeiramente, é necessário fazer uma distinção essencial. Ao longo deste artigo dois termos serão evocados: *outro* e *Outro*. Ao utilizar o termo *outro* ou *outros*, com letra minúscula, estou simplesmente fazendo referência àquilo que é alternativo, no sentido da própria palavra. Já a referência a um *Outro*, como nome próprio, costuma ser utilizada como recurso de análise para a categoria filosófica que representa aquele que é diferente, o estrangeiro, aquele que é estranho e externo ao Eu. Também possibilita representar os vários outros sob um único signo, englobando todos esses outros em um conceito que simboliza exterioridade e diferença; dessa forma, será utilizado neste artigo.

Pacificada essa condição, outra se coloca como essencial: compreender a relevância da relação com o Outro e por que seria tão importante debater esse espaço do Outro e as relações estabelecidas. Muitos teóricos poderiam ser trazidos para fundamentar o lugar do Outro e sua relevância, um deles sendo um dos maiores teóricos sociais da história. Marx propôs que o trabalho é aquilo que caracteriza a espécie humana; no entanto, o trabalho é um fazer social e só é possível por meio e com o Outro, sendo assim a própria humanidade só se torna possível através desse Outro (Marx; Engels, 2001).

Indo nesse mesmo caminho, encontramos a filosofia africana bantu, Ubuntu, que propunha que a humanidade só é possível através da relação e que a humanidade, não apenas enquanto espécie, mas enquanto categoria existencial tal qual a conhecemos, é interdependente e se constitui na relação, sendo impossível sua produção por sujeitos isolados. Na verdade, há um profundo debate dentro dessa corrente filosófica que propõe apenas a existência de um Nós, que o Eu e o Outro são categorias idealizadas. Mas, independentemente disso, a relação entre os sujeitos é basilar. E, de fato, se analisarmos toda a produção humana, tudo aquilo que distingue quem somos enquanto espécie e categoria existencial, como nossa linguagem, cultura, ciência, política, religião e daí por diante, só é possível na inter-relação, no contato com o Outro (Ramose, 1999).

Outro elemento fundamental da categoria *Outro*, sempre pontuado por Zanella (2005), em seu artigo “Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural”, é a

onipresença do Outro. Esse Outro, que é diferente e exterior a mim, sempre está presente. Mesmo quando o sujeito se encontra sozinho, o Outro encontra-se presente, seja na influência psicológica, na construção ideal e material da realidade, seja simplesmente pela representação mental, a voz desse Outro está constantemente se impondo e, por mais que se possa tentar afastá-la, ela continua a se impor. Sendo assim, uma boa relação com o Outro parece ser uma engrenagem fundamental para o bom desenvolvimento e para a adaptação dos sujeitos, afinal, se esse Outro sempre está presente, faz sentido buscar uma convivência harmoniosa.

Além disso, Frayze-Pereira (1994) levanta a questão do encontro com diferentes perspectivas e a intersubjetividade como elemento primordial na produção da consciência. Ou seja, encontrar-se com o Outro, que pensa, age e é diferente de mim, é fundamental para o exercício de Si enquanto ser social e para a prática de uma alteridade verdadeira. A formação de um sujeito adaptado e, de fato, imbuído de humanidade passa pelo lugar do encontro com o diferente e pela forma de lidar com esse diferente, pois nós, enquanto seres sociais, estamos envolvidos por outros seres sociais que frequentemente pensam, sentem e agem de forma totalmente diferente. Estar apto a lidar com essa diferença é também um exercício da própria subjetividade, de sua adaptabilidade e mesmo de sua formação.

Ou seja, o Outro tem um lugar na produção da própria subjetividade e consciência individual; afinal, é no contato com o Outro que eu me defino, e é por meio dos elementos trazidos no contato com esse Outro que o sujeito consegue dar sentido a si mesmo, transformar-se, adaptar-se, reafirmar-se ou desconstruir-se. Dessa forma, a experiência com o Outro é também a construção da identidade e leva a um reflexo na psique individual. Esse Outro não tem lugar apenas na exterioridade, mas também na interioridade do ser. A consciência do Outro reflete-se em uma consciência de si (Frayze-Pereira, 1994).

Em resumo, a relação estabelecida com o Outro é uma das coisas mais relevantes na experiência humana, formadora, inclusive, da própria humanidade e que atravessa todas as esferas da vida humana e da realidade social na qual está inserida. No entanto, apesar dessa centralidade, a relação estabelecida com o Outro nem sempre é notada ou valorizada (Zanella, 2005).

Na realidade, o que outros pesquisadores e teóricos apontam, inclusive o próprio Marx (2004), é que há um movimento de fragilidade das relações sociais e um apagamento da noção de interdependência. Marx (2004) aponta o capitalismo como elemento de destituição do sujeito de sua capacidade de estabelecer relações diretas entre si, sendo essas intermediadas pelo capital, evocando a competitividade como principal modelo relacional entre os sujeitos. Sendo

assim, o Outro é agora encarado como competidor e obstáculo para a sobrevivência, deturpando a lógica inicialmente apresentada, a de interdependência. Dessa forma, já há, historicamente, o apontamento da degradação da relação com o Outro, apesar de sua elevada importância. Mas o que acontece quando entram em jogo novas formas de tecnologia que impulsionam a comunicação entre os sujeitos e inauguram um novo leque de possibilidades relacionais?

O Outro digital

Partindo do princípio de que a internet e, principalmente, as redes sociais possibilitam o encontro em massa de diversas pessoas, potencializam as relações, criam meios de comunicação instantânea e se configuram como um dos principais meios de comunicação contemporâneos, é de se imaginar que tenham algum impacto nas relações interpessoais. Levando em consideração seu caráter potencializador, a primeira ideia que viria é: a internet como um maximizador das relações e um produtor de alteridade, de mais encontros com os outros, com o diferente, com opiniões diversas e externas aos próprios sujeitos (Edoa; Aguiar, 2019). E, de fato, esses encontros acontecem, mas seria mesmo a internet um elemento de melhora na relação com o Outro? De fortalecimento das relações e de encontro com o diferente?

A maioria dos artigos que tratam da alteridade e das relações com o Outro no ambiente digital coloca a internet em um lugar de objeto ambíguo, que pode tanto melhorar a relação com o Outro, produzindo encontros, possibilitando aproximação e um nível de relação com o Outro nunca visto antes, quanto afastar e apagar o Outro em um processo de exacerbação do Eu, como é o caso do trabalho produzido por Almas e Knijnik (2021), *Paradoxos da alteridade na realidade virtual*, que explora esse duplo caráter do ambiente virtual, encarado como paradoxal ao mesmo tempo que possibilita a estimulação e a inibição da alteridade. No entanto, podemos observar mais elementos que apontam para o segundo efeito do que para o primeiro.

Começamos pelo fato de que a internet traz o Outro apenas enquanto representação imagética, por meio de símbolos, fotos, descrições textuais e sons, que aparecem em uma tela. Isso implica, naturalmente, a perda da noção corpórea do Outro. O espaço que ele ocupa, a imprevisibilidade de seu comportamento, os elementos de vida que um corpo físico apresenta não estão presentes na internet; por mais que os níveis de informações e de detalhamento da vida do Outro sejam relatados de forma abundante, não deixam de ser um relato, um enunciado do Outro, que não é o Outro em si. Parece uma questão óbvia, e de fato é, porém Frayze-Pereira (1994) pontua a relevância da corporeidade na experiência com o Outro, até mesmo para a

formação da consciência de presença desse Outro. Martino (2016), por sua vez, chama a atenção para o fato de que o enunciado do Outro, o Outro representado, já é um Outro empobrecido, pois vários dos elementos de sua existência enquanto Ser são perdidos nesse processo de comunicá-lo, de representá-lo.

Ou seja, o Outro, enquanto representado na tela, já é, por si só, um Outro empobrecido; não é o Outro em si mesmo, mas um retrato, e, tal como uma foto, vários de seus ângulos são perdidos, vários elementos são deixados de lado. Essa imagem é a captura de um momento, o Outro estatizado e não em movimento, em ação, vivo de fato, de forma que o Outro que se apresenta na internet já é um Outro perdido no tempo; perde-se a noção de relação imediata (Martino, 2016).

Além disso, os elementos com os quais temos contato do Outro geralmente são aquilo que ele mesmo deseja mostrar: suas fotos são editadas, a cor da pele, o cabelo, a paisagem; uma mensagem mal recebida pode ser deletada ou editada; um perfil pode ser refeito quantas vezes for necessário; perfis falsos, um Outro totalmente artificial gerado com um determinado objetivo. Pode-se argumentar, claro, que a mentira e a dissimulação sempre existiram, que desde sempre as pessoas editam o que falam e se comportam de diferentes maneiras a depender do ambiente ou das relações em jogo, mas nunca na história da humanidade houve tantos recursos de controle do que seria veiculado. Mesmo que se criasse uma identidade falsa, com uma falsa história, uma narrativa minuciosamente inventada, ainda assim o Outro seria ele mesmo, teria sua voz em algum nível, sua aparência em algum nível, e isso poderia ser acessado pela relação face a face, o que não acontece na relação digital. No digital, a maioria das informações que se pode obter do Outro é apenas aquilo que ele decide informar e, se ele não informa nada, então ele sequer existe (Silva; Velloso, 2022).

Outra questão que se observa é que, ao ser reduzido à tela, o Outro, conseqüentemente, é reduzido a objeto, a coisa. O Outro, a partir da internet, encontra-se em minhas mãos, e essa é uma metáfora interessante das relações digitais. O Outro em minhas mãos é um Outro objetificado, que pertence a mim e que atua para o meu prazer e diversão. Aqui, a imagem do Outro surge com o caráter de coisa, produzindo o sentimento efetivo de dominação do Outro e até a possibilidade de sua eliminação. Isso é possível por meio das ferramentas de banimento, bloqueio e exclusão nas redes sociais. Se algum desses Outros coisificados gera qualquer situação de desconforto, confronto ou apenas de diferença, ele pode ser bloqueado, e sua existência é apagada da experiência pessoal de quem o bloqueou (Tonatto; Moraes; Balla, 2016).

Isso fica claro no artigo de Silva e Velloso (2022), “Comunicação, alteridade e ecossistema digital: análise de conteúdo e conversações sobre Fórmula 1 no Twitter”, que buscou pesquisar as dinâmicas de alteridade no ecossistema digital e observou uma baixíssima tolerância ao discordante, trazendo a noção de câmaras de eco: ambientes onde informações concordantes e que apontam numa mesma direção são replicadas continuamente. Os autores argumentam que a internet é um ambiente propício para a formação dessas câmaras de eco, posição defendida também por Leonardo Nascimento *et al.* (2021).

No entanto, outro elemento que o artigo de Silva e Velloso (2022) traz é como a experiência digital é autocentrada, ao analisar as interações de usuários da rede X, à época Twitter, debatendo sobre Fórmula 1. Percebe-se, pelos recortes trazidos pelos autores (Silva; Velloso, 2022), como os usuários recorriam à ferramenta de banimento de outros usuários que discordavam de suas opiniões ou tinham uma torcida contrária, inclusive trazendo o perfil de um jornalista especializado em Fórmula 1 que, sistematicamente, bloqueia os usuários que, de alguma forma, lhe causavam algum desconforto. Aqui, não me proponho a dizer se tal ferramenta é benéfica ou nociva, apenas que ela existe, que é usada em larga escala no ambiente digital e que possui consequência no que tange à relação com o Outro, que tem sua existência apagada perante o usuário. O Outro, nesse contexto, pode realmente deixar de existir na experiência pessoal se a interação com ele for desconfortável, desagradável ou discordante.

Nisso, esbarramos em mais um elemento relevante na relação com o Outro no meio digital: o encontro com a diferença. Como abordado anteriormente, devido às ferramentas de exclusão do Outro, o encontro com o diferente já é prejudicado. Somam-se a isso as políticas de filtros algorítmicos, a implementação de tecnologias de direcionamento de informações com base no perfil de consumo de cada usuário, de modo a oferecer as informações mais “relevantes” para cada um, mantendo-o conectado e em um estado de satisfação. A consequência disso são fluxos de informações concordantes e que vão confirmar a perspectiva de realidade de cada usuário, reforçando câmaras de eco, promovendo a formação de bolhas digitais, prejudicando o encontro com o diferente, com o discordante, marcando o fim da aleatoriedade no meio digital. E, como já refletimos no primeiro tópico, seria esse o caráter basilar do encontro com o diferente na própria experiência da consciência subjetiva (Pase; Pechansky, 2018; Nascimento *et al.*, 2021).

Um dos tópicos mais observados sobre a internet é seu fluxo avassalador e frenético de informações. Sem dúvida, é uma de suas marcas principais, e essa multiplicidade de pessoas e informações veiculadas costuma ser usada como base argumentativa para uma abertura a maior

alteridade e conhecimento do Outro, mas vale a pena refletirmos se não é exatamente o contrário. Num meio em que o fluxo informacional é tão intenso e a multiplicidade de vozes chega a ser ensurdecadora, sequer conseguimos criar vínculos com os perfis que vão sendo apresentados; as informações são tantas e mudam tão depressa que sequer é possível estabelecer solidez ou profundidade nas relações (Martino, 2016). O quanto é possível conhecer o Outro em um vídeo editado do TikTok de 45 segundos? Ou em uma postagem de até 280 caracteres no X? Ou em uma foto do Instagram no meio de milhares que correm pelo feed? Se pensarmos nas relações mais significativas de nossas vidas, provavelmente nos deparamos com o elemento da temporalidade: relações antigas, forjadas por meio da intimidade desenvolvida com muito esforço. Agora, cabe refletir se o meio digital é um ambiente que reúne elementos necessários para a formação desse tipo de relações significativas.

A velocidade de mudança vai além do conteúdo e afeta a própria estrutura de funcionamento das redes sociais. Um exemplo é o Twitter que, ao ser vendido, passa a ter diversas transformações nas suas diretrizes de uso. Um exemplo dessas transformações repentinas na estrutura da rede social é a substituição das ferramentas de checagem de fatos e de fiscalização de postagens pela ferramenta de “notas da comunidade”, em que os próprios usuários publicam notas referentes a uma determinada postagem e sua veracidade. Essa é, aliás, uma mudança que alega maior liberdade de expressão e autorregulação, mas que beira a falta de controle e de responsabilização da plataforma pelos conteúdos circulantes em sua própria rede; ou mesmo, como é o caso das disputas judiciais e dos esforços legislativos para a regulamentação das redes, uma rede social pode deixar de atuar em um determinado país do dia para a noite.

Uma questão importante que precisa ser elucidada é a multiplicidade de modos de ação de cada rede social – aqui, estou usando a categoria redes sociais/redes digitais/ambiente digital/meio digital para me referir a toda a gama de redes e ambientes virtuais interativos online, pois reflito sobre elementos gerais que atravessam todos esses ambientes em menor ou maior grau. Mas vale pontuar, ainda, que cada um deles possui dinâmicas próprias e particularidades que devem ser investigadas de forma mais aprofundada e específica, o que não é a intenção deste artigo, que se propõe como reflexivo.

O próximo ponto a ser analisado é o não deslocamento do sujeito para “encontrar” o Outro digital. O usuário não precisa deslocar-se fisicamente, geograficamente; ele sempre está no seu próprio ambiente físico ao acessar o ambiente virtual. Pase e Pechansky (2018) atentam para a relevância de sentir-se estrangeiro, deslocado, o Outro do Outro, para a qualidade da

relação com esse Outro. Ao me deslocar, eu entro em contato com o não familiar, com o não habituado; eu mesmo me sinto estrangeiro, sinto-me o elemento divergente daquele ambiente, coisa que não acontece na digitalidade. O ambiente digital é sempre o meu ambiente, possui sempre a minha narrativa e conta com um Outro unidimensional que, todo o tempo, é apresentado ou se apresenta a mim, numa espécie de Reino do Eu. Martino (2016, p. 5) também aponta a internet como um lugar de privilégio do Eu.

Por conta das relações de poder intrínsecas ao ato enunciativo, em uma situação de desigualdade discursiva na qual um enunciador – ou poucos – tem o poder de definir todos os outros, as categorias de interpretação da realidade presentes nesse discurso tendem a envolver a alteridade e a si mesmo em uma trama de conceituações marcadas pelas categorias hermenêuticas de quem fala.

A relação com o Outro, apesar de apagada e distorcida nos meios digitais, é fundamental na produção do próprio ambiente virtual. As redes sociais, por exemplo, só fazem sentido com a presença do Outro, pois seu apagamento só é possível por meio da ilusão de ausência e/ou do falseamento das relações (Almas; Knijnik, 2021).

Paralelos perigosamente próximos

Ao refletir sobre o lugar e a relação do Outro no espaço digital, faz-se notar estreitas semelhanças com as dinâmicas representacionais de outro espaço onde o debate sobre o Outro e sua representação foi palco de intensos debates: os *museus etnográficos*. Oliveira e Santos (2019, p. 397) tratam do surgimento dos museus etnográficos nos seguintes termos:

Os grandes museus etnográficos constituíram-se no século XIX em lugares de memória que celebravam a superioridade do Ocidente e produziam imagens e narrativas que justificavam e legitimavam o empreendimento colonial. Para os seus visitantes, os habitantes das metrópoles coloniais, os museus levavam imagens, cores, cheiros e sabores de outros povos, sempre abordados como simples e primitivos, mas também como curiosos e exóticos.

Apesar de a natureza dos museus hoje ser muito diferente, o surgimento dos museus etnográficos está muito ligado aos processos de colonização, dominação e exploração de povos nativos por parte da Europa. Em um movimento de saque e avanço sobre esses povos, tomando objetos ritualísticos, vestimentas, ornamentos e produções diversas, esses museus capturavam esse Outro e o coisificavam. Por certo, a ideologia dominante impregnava todo o ambiente e as

dinâmicas presentes, tanto representativas quanto em sua observação; a lente da colonização estava sobre tudo (Oliveira; Santos, 2019).

Como posto pelos autores (Oliveira; Santos, 2019), os museus etnográficos eram espaços de defesa de uma narrativa de justificativa em relação à superioridade do Ocidente. Em geral, os museus são, de fato, espaços de narrativa, muitas vezes unidirecionais, de um povo em relação a outro ou a fatos históricos. Já nesse ponto podemos fazer um paralelo com os meios digitais. Apesar da profusão de vozes em seu meio, cada usuário encontra-se mergulhado em sua própria narrativa, modelando o Outro a partir de sua experiência digital; é um meio onde a dimensão pessoal encontra um espaço de privilégio. Podemos até imaginar as redes sociais como uma espécie de *museu pessoal*, onde cada usuário reúne elementos de sua representação pessoal, da produção de sua realidade e do Outro (Martino, 2016).

Apesar dessa sensação de controle e da noção de posse desse museu pessoal, as narrativas que são veiculadas nesses ambientes não se encontram, de fato, nas mãos dos usuários. As ideias que tomam proporção, que são ventiladas e ganham espaço de circulação, na realidade, são cuidadosamente selecionadas pelos algoritmos de distribuição da rede, que, por sua vez, correspondem aos interesses dos verdadeiros donos dessas empresas. Isso, de certa forma, volta a se aproximar dos museus etnográficos, que escolhiam o que e como seria mostrado ao público. A grande diferença pode estar no fato de que a curadoria do museu é um lugar, hoje, mais bem iluminado, pois o elemento de escolha de narrativas é mais evidente, uma vez que sabemos quem está escolhendo o que mostrar e os interesses em jogo. Áreas de estudo, como a museologia, por exemplo, surgem e desvelam esse lugar — o que não acontece nas redes sociais hoje, onde toda essa dinâmica de direcionamento e formação narrativa ainda é muito nebulosa (Oliveira; Santos, 2019; Pase; Pechansky, 2018).

Mas é, no tocante à representação do Outro, que museus e internet se aproximam de forma mais radical. Tal como na internet, os museus etnográficos se valiam da representação do Outro por meio de símbolos e de uma constituição imagética que, por si só, já era redutora do Outro, apresentado através das vitrines e das telas; na internet, pelas telas de celulares e computadores; nos museus, pelas telas nas paredes e pelo vidro das vitrines, o Outro era capturado, retirado de seu espaço, recortado e parado no tempo (Soares, 2012; Martino, 2016).

Em ambos os espaços, o exercício de olhar é priorizado; os elementos ali reunidos são semióforos. Ou seja, não têm qualquer utilidade a não ser a de olhar. O Outro, nos dois ambientes, é transformado em objeto semióforo, coisificado, dominado e subordinado ao papel de coisa que serve ao observador: serve-o para entretê-lo, para suprir sua sede de curiosidade,

para diverti-lo. O Outro perde sua categoria de ser vivo, com todas as suas complexidades, e passa a ser representado por meio de um imaginário empobrecido. Bruno Soares (2012, p. 83) sintetiza isso muito bem em sua tese:

[...] o ver é aproximar as coisas; para os museus é no campo da visão que os encontros primeiro acontecem. Encontros entre as pessoas e as coisas, entre as próprias pessoas, ou mesmo entre as próprias coisas. Por meio desses encontros os museus criam novos universos simbólicos e atuam sobre os imaginários. Mas, como acontece na dicotomia clássica do patrimônio – segundo a qual ao mesmo tempo em que algo é adquirido, algo também se perde – quando ver é sentir que alguma coisa nos escapa inelutavelmente, tem-se a perspectiva de que “ver é perder” [...].

O autor (Soares, 2012) também explora como os museus podem ser um espaço da alteridade e da transformação de si por meio do contato sensível com o Outro, mas que, nessa época e com as dinâmicas que alguns insistem em manter, essa alteridade era negada, pois não era possível uma relação real com o Outro. O lugar de alteridade era transformado em um lugar puramente do olhar, que, em si mesmo, não configura alteridade, pois o Outro não era percebido como ser, mas como coisa. Soares (2012) também nos mostra como esses museus produziram narrativas do tipo Nós *versus* Eles, transformando o Outro em uma nova espécie de inimigo, algo também muito comum no meio digital, como explorado anteriormente.

O Outro, ocupando o lugar de objeto de olhar que serve unicamente para o entretenimento, descaracterizado de sua humanidade, encontra seu ponto mais radical nos zoológicos humanos: espaços de extrema desumanização, onde pessoas de culturas tidas como “exóticas” à época e que possuíam características físicas não europeias — em sua maioria, pessoas negras — personificavam a figura desse Outro, do diferente, tratados como animais ou, pior, como coisas. Nesse processo, o Outro serve tão somente para o prazer dos observadores, para sua diversão, para saciar suas curiosidades (Oliveira; Santos, 2019; Soares, 2012).

Aqui podemos enxergar um paralelo perigosamente próximo das dinâmicas digitais: o Outro descaracterizado de humanidade, o Outro coisificado, servindo apenas para a diversão e o entretenimento dos usuários. Observando por essa ótica, as redes sociais se aproximam até mais dos zoológicos humanos do que dos museus etnográficos dos séculos XIX–XX. Claramente, existem inúmeras problemáticas nos zoológicos humanos que não se aplicam às redes sociais, como a crueldade envolvida nos processos, os abusos das pessoas expostas nesses espaços cruéis, o sequestro dessas pessoas retiradas de sua terra natal, a dizimação de suas culturas pelo processo colonial — todos esses elementos de diferença existem. Mas, no caso da

análise que está sendo feita, interessa o fenômeno de desumanização e coisificação do Outro que atravessa ambos os ambientes em épocas muito distintas, o que é preocupante.

Trago a imagem dos museus etnográficos coloniais e dos zoológicos humanos dos séculos XIX e XX, não só como categoria de análise, mas principalmente como reflexão e advertência sobre o quão preocupante é encontrar paralelos na dinâmica digital com esses espaços, que eram espaços de violência e dominação. Por trás de suas arquiteturas luxuosas, esses eram lugares de disputas e guerras, violências simbólicas direcionadas ao Outro, marcadas por uma relação desproporcional de poder, hierarquizada, em que o Outro aparece como objeto e coisa, representado como inferior e, por isso mesmo, sem valor — isso quando sua existência sequer era considerada. É preocupante pensar que há elementos tão próximos entre ambientes tão distintos, em que um desses ambientes é tão popular e encontra-se tão arraigado na sociedade contemporânea — sem dúvidas, um sinal vermelho sobre as dinâmicas relacionais forjadas no ambiente digital.

Para além do simbólico, representativo e imagético, os museus etnográficos são estratificações das relações materiais estabelecidas na sociedade. Como dito anteriormente, os museus etnográficos surgem justamente dos modelos coloniais de dominação e exploração. Como Bruno Soares (2012) propõe, são as relações materiais que produzem, reproduzem e transformam as dinâmicas representativas, simbólicas e imaginárias, o que, de certa forma, aproxima-se bastante da teoria marxiana, em que as relações imateriais são um reflexo das dinâmicas materiais, estando o fenômeno de desumanização e coisificação do Outro em contato direto com o conceito de alienação proposto por Marx (2004).

Alienação e estranhamento do Outro (e de si)

Entfremdung, traduzido como alienação ou estranhamento, é o fenômeno que, em Marx (2004), busca descrever as dinâmicas relacionais e a experiência subjetiva da realidade fruto de uma sociedade capitalista. Toma-se por base que o que diferencia o ser humano de outras espécies é sua capacidade de transformar a natureza por meio do seu trabalho e, em consequência disso, transformar a si mesmo. Por sua vez, os processos de produção capitalista apropriam-se do trabalho humano, alienando-o de seu próprio fazer laboral, de si mesmo e, consequentemente, do Outro. Isso significa que o fenômeno da alienação não é inaugurado por dinâmicas digitais, mas já se encontra posto desde o estabelecimento da sociedade capitalista, atuando como aprofundador de um elemento já existente. Afinal, viver em um sistema

capitalista já é, por si só, viver alienado. Além disso, as relações de cooperação são substituídas pelas relações de competição, como explica James Farganis (2016, p. 55):

Por fim, os trabalhadores são alienados de seus colegas de trabalho, à medida que os capitalistas promovem a competição entre eles para os postos de trabalho disponíveis com salários de subsistência. Em vez de solidariedade e camaradagem surgidas no trabalho conjunto em um projeto coletivo, a força de trabalho é deliberadamente mantida em salários de subsistência, gerando grande medo nos trabalhadores de que não conseguirão sobreviver caso percam seus empregos para outros trabalhadores.

Como podemos imaginar, o lugar do Outro na sociedade capitalista já é de distanciamento, de apagamento e de fragilização de vínculos. O Outro é um Outro alienígena, ao mesmo tempo em que há a alienação de si mesmo. Porém, a alienação do Outro não é apenas um reflexo da alienação de si e do trabalho, mas um elemento basilar para o avanço do capitalismo. Para o refreamento de estratégias de resistência ou de resposta ao capital, cada pessoa é separada em si mesma e jogada umas contra as outras, gerando mais capital e enfraquecendo ainda mais esses sujeitos (Santos, 2022).

Antes de avançar na reflexão, cabe destacar como será utilizado, nesta seção, o termo referente à tradução de *entfremdung* por alienação ou estranhamento. Em geral, alienação e estranhamento costumam ser utilizados como sinônimos na tradução do conceito; no entanto, Lessa (2018) propõe a primazia do conceito de alienação em relação ao estranhamento e apresenta argumentos interessantes para essa defesa. Sendo assim, tomo a liberdade de utilizar o termo *alienação* para me referir diretamente ao fenômeno observado por Marx (2004), e utilizarei *estranhamento* para me referir mais especificamente ao sentimento produzido pelo fenômeno de alienação: o estranhamento de si, do mundo e do Outro.

Definida essa questão, podemos prosseguir. Como se pode observar, a questão da alienação não é nova e nem surge por conta das relações digitais ou de musealização. Então, qual seria a importância do tema para a reflexão proposta?

Como dito anteriormente, as condições físicas e materiais da existência humana têm reflexos diretos em suas dinâmicas relacionais e simbólicas. Novas relações materiais geram novas relações simbólicas, como apontado no caso dos museus etnográficos, que foram um reflexo direto da dominação colonial. Então, é seguro imaginar que a internet, enquanto condição material da existência humana contemporânea, exerce algum efeito nas dinâmicas relacionais, simbólicas e representativas, por sua vez. E, levando em consideração os elementos constituintes do fenômeno de alienação e as dinâmicas digitais, podemos inferir um possível

aprofundamento no estado de alienação em relação ao Outro e uma intensificação no sentimento de estranhamento a esse Outro e, conseqüentemente, a si mesmo (Farganis, 2016; Martino, 2016).

Na sociedade capitalista industrial, o Outro é um concorrente, mas sua existência se impõe, pois ele ainda é um ser corpóreo que divide recursos e constrói a realidade conjuntamente. Em resumo, esse Outro ainda é percebido. No ambiente digital, em contrapartida, como já foi apontado, esse Outro perde a corporalidade e é apenas representado por imagens e sons, uma vez que habita apenas o âmbito simbólico e responde imediatamente aos interesses do usuário. O Outro é, ao mesmo tempo, apagado e transformado em coisa. A desumanização, consequência final da alienação, ocorreria de maneira ainda mais radical, o que ajudaria a explicar a relação de tamanha indiferença e hostilidade para com o Outro nesse ambiente, pois até sua humanidade ficaria turva (Lessa, 2018; Edoa; Aguiar, 2019).

Como apontado anteriormente, a alienação começa no modelo de sociedade capitalista e nas relações produzidas nessa sociedade, que seriam relações mediadas pelo capital e pelas mercadorias, sendo a principal relação a competitividade. No meio digital, essa coisificação do Outro é ainda mais radicalizada, afinal, o Outro torna-se uma imagem em uma tela. A relação com esse Outro é mediada, em grande parte, pelo capital, não apenas presente nas ferramentas de acesso às redes, mas também na própria lógica das redes sociais digitais, que são, em última instância, empresas que buscam a maximização de seus lucros. O Outro nessas redes é transformado em mercadoria, assim como o próprio usuário (Marx, 2004; Tonatto; Moraes; Balla, 2016).

O resultado disso seria justamente a intensificação do sentimento de estranhamento em relação ao Outro. Afinal, esse Outro, que é percebido como mercadoria, ocasionalmente age como não mercadoria, causando o mesmo sentimento de estranhamento de uma cadeira tomando vida e gerando frustração ao não corresponder às expectativas de mercadoria. As relações nesse ambiente tornam-se mais estranhadas, sendo cada vez mais difícil lidar com esse Outro. E, como nossa própria consciência de existência depende do Outro, nós mesmos nos tornamos estranhos: ao passo que perdemos a noção de humanidade do Outro, prejudicamos nossa própria humanidade (Santos, 2022).

Mas qual seria o problema, afinal, nesse ambiente específico, em termos de relações estranhadas, desumanizadas e alienadas? Já é bastante problemático por si só: um lugar da humanidade em desumanização, um ambiente em que os sujeitos tratam-se como coisa de forma tão radical. Mas, não bastasse isso, as relações on-line têm consequências diretas no mundo off-

line. Atualmente, já há uma noção corrente de que, devido à capilaridade das tecnologias digitais no cotidiano, não podemos tratar esses universos como apartados. Acontece que real e digital atravessam-se e influenciam-se mutuamente (Nascimento *et al.*, 2021). Ou seja, relações ainda mais alienadas e estranhadas no ambiente digital são relações ainda mais alienadas e estranhadas na humanidade de modo geral e, no extremo dessa alienação, podemos encontrar a desumanização.

Considerações finais

A alienação, enquanto fenômeno da existência humana, dentro do sistema capitalista, não é um elemento novo, pelo menos de acordo com a teoria marxiana. O processo de expropriação do trabalho e o intermédio das relações pelo capital é algo fundamental para o estabelecimento e a manutenção desse sistema. Quando as redes sociais digitais entram em cena e nelas são estabelecidas as dinâmicas de mercado que visam ao lucro acima de tudo, o que vemos é o aprofundamento de um estado já estabelecido, ou seja, a potencialização de um processo de alienação e de novas formas de sua realização. Desse modo, as relações intermediadas pela digitalidade são atravessadas por questões comerciais, as quais são balizadas pelo possível lucro advindo, e não pela qualidade da relação. No fim das contas, as redes sociais digitais são empresas e se comportam como tais.

O que fica claro, ao adotarmos a perspectiva de análise aqui apresentada, é o esvaziamento das relações sociais de seu significado no ambiente digital, ganhando caráter unicamente de produtoras de prazer, de modo que o Outro digital assume um lugar de objeto gerador de prazer. A relação do Eu com esse Outro mediado pela digitalidade só acontece enquanto estiver confortável para o Eu, que não deve ser contrariado ou questionado. Qualquer elemento que gere desprazer ao usuário é desviado pelo algoritmo, entregando apenas aquilo que lhe é agradável. Além disso, as próprias plataformas disponibilizam inúmeros meios de inibir ou bloquear fontes de incômodo. Com tudo isso posto, o Outro aparece em nossas telas como meio de diversão e lazer, descaracterizado de elementos que lhe deem profundidade, prejudicando a relação e, conseqüentemente, prejudicando uma verdadeira alteridade. Sendo assim, as redes sociais encarnam zoológicos humanos que, a todo momento, buscam prender nossa atenção com as mais variadas atrações.

Como foi possível notar, há um tom abertamente crítico e pessimista adotado ao longo do artigo no que se refere às relações digitalmente mediadas. No entanto, concordo que a

internet e os meios de comunicação digital *podem* ser potencializadores das relações e possibilitar novas dinâmicas positivas de alteridade e inter-relação. No entanto, essa potencialidade permanece impedida enquanto a lógica que rege a internet for a lógica de mercado, a lógica do capital, e não a lógica de verdadeira interação e troca. Enquanto a internet for, principalmente, um meio de obtenção de lucro e poder, e menos um ambiente democrático de livre acesso e participação comunitária, o Outro seguirá coisificado, a relação com ele prejudicada e o ambiente digital tornar-se-á um enorme zoológico humano contemporâneo, onde o observador também faz o papel de exposto.

REFERÊNCIAS

- ALMAS, A.; KNIJNIK, J. Paradoxos da alteridade na realidade virtual. *In*: JIG 21 – Jornada Internacional Geminis – Entretenimento Audiovisual Multiplataforma, IV, 2021. **Anais [...]**. São Carlos: UFSCar, 2021. p. 1-12. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003073025.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.
- EDOA, L. M. N.; AGUIAR, S. E. S. A questão da alteridade no ambiente digital a partir do pensamento de Lévinas. **REVISTA COMFILOTEC**, v. 10, n. 5, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-comfilotec/article/view/337>. Acesso em: 25 maio 2025.
- FARGANIS, J. **Leituras em teoria social: Da tradição clássica ao pós-modernismo**. Tradução de Henrique de Oliveira Guerra. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A. A questão da alteridade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 11-17, 1994. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100002. Acesso em: 24 maio 2025.
- MARTINO, L. M. S. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. **Lumina**, v. 10, n. 2, p. 1-18, 2016. DOI: 10.34019/1981-4070.2016.v10.21271. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21271>. Acesso em: 25 maio 2025.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista (1848) seguido de Gotha**. Tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- NASCIMENTO, L. F. *et al.* Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 190-206, 2021. DOI: 10.4013/fem.2021.232.13. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22620/60748738>. Acesso em: 25 maio 2025.
- LESSA, S. Alienação e estranhamento. **Revista GESTO-Debate**, v. 16, n. 1, p. 1-30, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17064/11342>. Acesso em: 25 maio 2025.
- OLIVEIRA, J. P.; SANTOS, R. C. M. Descolonizando a ilusão museal - etnografia de uma proposta expositiva. *In*: OLIVEIRA, J. P.; SANTOS, R. C. M. (org.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 398-435.

PASE, A. F.; PECHANISKY R. C. Além do digital: A alteridade ressignificada através dos algoritmos das redes sociais. In: SILVA, M. R. *et al.* (org.) **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 83-101.

RAMOSE, M. B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

SANTOS, V. A cegueira como metáfora do estranhamento social capitalista: Um diálogo entre Karl Marx e José Saramago. **Sofia**, v. 11, n. 1, p. 67-95, 2022. DOI: 10.47456/sofia.v11i1.31833. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/31833/25231>. Acesso em: 25 maio 2025.

SILVA, M. P.; VELLOSO, B. C. Comunicação, alteridade e ecossistema digital: análise de conteúdo e conversações sobre Fórmula 1 no Twitter. **Revista Multiplicidade**, v. 11, p. 7-22, 2022. DOI: 10.59237/multipli.v11i.532. Disponível em: <https://revistas.fibbauru.br/multiplicidadefib/article/view/532>. Acesso em: 25 maio 2025.

SOARES, B. C. B. **Máscaras guardadas**: musealização e descolonização. 2012. 461 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/BRUNO-C%C3%89SAR-BRULON-SOARES.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.

TONATTO, R. C.; MORAES, D. R. S.; BALLA, B. C. O outro na educação e nas humanidades: Alteridade e diferença nas interações mediadas pelas mídias digitais. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED - Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, XI, 2016. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR, 2016. p. 1-16. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo11_REGIANE-CRISTINA-TONATTO-DENISE-ROSANA-DA-SILVA-MORAES-CRISTIANE-DE-BASTIANI-BALLA.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.

ZANELLA, A. V. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 99-104, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000200013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RYcScYgsPrJgpLtK9C7BhcP/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2025.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Agradeço à UFRB o apoio e à coordenação do PPGCS.
 - ☐ **Financiamento:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Nenhum.
 - ☐ **Aprovação ética:** Nenhum.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** A maioria das referências, excluindo-se apenas os livros, podem ser encontrados digitalmente em periódicos, repositórios e anais de evento indicados na sessão *REFERÊNCIAS*.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** O artigo foi produzido apenas por um autor em sua integralidade, contanto com o apoio da instituição e da revista para as revisões necessárias.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

